

Hans Vaihinger e a teoria da aparência conscientemente intencionada de Nietzsche

Hans Vaihinger and the theory consciously intended appearance of Nietzsche

Ricardo Bazilio Dalla Vecchia¹

Resumo: O presente artigo objetiva discutir a interpretação da filosofia de Nietzsche empreendida por Hans Vaihinger (1852-1933) na obra *Philosophie des Als Ob* (1911). De acordo com Vaihinger, ao longo de sua obra Nietzsche desenvolve uma “teoria da aparência valor das ficções frente à vida prática, na trilha deixada por Kant e Lange. Em virtude disso, a filosofia de Nietzsche pode ser considerada como o esboço da metafísica do “como se”, postura ficcionalista e pragmática desenvolvida por Vaihinger.

Palavras-chave: Nietzsche. Vaihinger. Ficcionalismo. Perspectivismo. Pragmatismo.

Abstract: This article aims to discuss the interpretation of Nietzsche's philosophy undertaken by Hans Vaihinger (1852-1933) in *Philosophie des Als Ob* (1911). According to Vaihinger over his work Nietzsche develops a “theory of consciously intended appearance” (*die Lehre vom bewußtgewollten Schein*), which reconsiders the value of fictions front of the practical life on the trail left by Kant and Lange. As a result, Nietzsche's philosophy can be regarded as the metaphysical “as if”, fictional and pragmatic approach developed by Vaihinger.

Key-words: Nietzsche. Vaihinger. Fictionalism. Perspectivism. Pragmatism.

1 Introdução

No prefácio à segunda edição de *Philosophie des Als Ob* (1913), Hans Vaihinger (1852-1933) detalha alguns pormenores de sua redação e publicação. Escrita e reescrita num intervalo de praticamente trinta anos, iniciados em 1876, a obra só veio a público em 1911². Coetânea a

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio de pesquisa (doutorado sanduíche) na Ernst Moritz Arndt Universität Greifswald, Alemanha. Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. ricardovechia@gmail.com

² Vaihinger (2011, p. 91) ressalta que “A maior parte das enunciações de Nietzsche sobre este ponto [o ponto em comum entre os dois, RBDV] foi escrita em sua fase mais tardia, mas é digno de nota que

praticamente todo o período de produção de Nietzsche e aos primeiros anos de sua recepção, *Philosophie des Als Ob* (Doravante PhAO)³, debruça-se sobre uma série de questões que também ocuparam o filósofo do *Para além do bem e do mal*, e partilha com ele de alguns interlocutores em comum, como os nomeados no prefácio:

Os filósofos de maior impacto foram para mim Kant e Schopenhauer, assim como F. A. Lange, discípulo de ambos. Também Fichte e Hegel eram fontes importantes. Ao mesmo tempo, no entanto, conheci o positivismo e o empirismo de John Stuart Mill. Naquela época, entrou em minha vida a psicologia de um Wundt e de um Stenthal. Mas, antes, as *Análises Psicológicas em base fisiológica*, de Horwicz, me causaram impressão. (Vaihinger, 2011, p. 70).

Embora os interlocutores e o universo análogo de interesses aproximassem Vaihinger de Nietzsche⁴, seu contato só viria a acontecer mais tarde. Na verdade, como ele destaca, Nietzsche era *persona non grata* em algumas literaturas do final do século XIX, que acabavam por obstar a recepção de sua obra:

Ao ler, no final da década de 1890, a sua obra – da qual eu me mantinha distante até então, desaconselhado por monografias errôneas – descobri,

suas principais concepções tenham sido criadas na década de 1870, ou seja, na mesma época em que nasceu a presente obra [*Philosophie des als ob*].”

³ Tomaremos como referência para esta análise da interpretação de Vaihinger a seção sobre Nietzsche da *Philosophie des Als Ob* (1911) e não a obra *Nietzsche als Philosoph* (1902). Ainda que a segunda obra seja dedicada exclusivamente a Nietzsche, imbuído do objetivo de caracterizá-lo “como filósofo” e não simplesmente como um “literato”, como Nietzsche ainda era visto no início do século XX, Vaihinger elabora uma interpretação bastante genérica de sua filosofia, considerada quase exclusivamente uma filosofia do “contra” (considerando que as seções da obra seguem quase a mesma fórmula, a saber: “Nietzsche anti-socialista”, “Nietzsche anti-moralista”, “Nietzsche anti-feminista”, “Nietzsche anti-intelectualista”...). Já em *Philosophie des Als Ob*, embora também míope em muitos pontos, Vaihinger consegue delinear com mais clareza o registro e a posição em que lê a filosofia de Nietzsche, qual seja, a de uma discussão de herança kantiana sobre as ficções regulativas, abalizada pela influência de Lange.

⁴ Com Adolf Horwicz, Vaihinger diz ter compreendido que toda a vida psíquica é o desdobramento do processo de reflexo, por conseguinte que as ficções servem apenas às finalidades práticas. Com Kant, Fichte e Schopenhauer, por sua vez, ele segue a convicção de que o pensamento serve também à vontade e à ação, o que culmina numa teoria permeada tanto por estímulos positivistas quanto idealistas. Vaihinger ainda chama a atenção para uma intuição que cedo lhe ocorreria, mas que apenas pela aproximação com a obra de Kant veio a se confirmar, a saber, a da importante função das ficções para o sistema kantiano, assunto que lhe ocupou por vários anos culminando, dentre outros, com a criação dos *Kant-Studien* em 1895.

para minha agradável surpresa, uma profunda afinidade de toda a concepção de vida e do mundo; em parte, esta remonta às mesmas fontes: Schopenhauer e Lange. [...] agora eu tinha a esperança de ver melhor compreendido o aspecto que me interessava; uma vez que tal aspecto se encontra também em Nietzsche: a teoria das representações conscientemente falsas, porém úteis. Na sua obra, todavia, esse aspecto é apenas um tom entre muitos de sua rica natureza polifônica, enquanto na minha obra representa o fator principal, talvez por isso se manifestando com mais clareza e coerência sistemática. (Vaihinger, 2011, p. 91)

A leitura de Nietzsche, em 1898, redefine o “horizonte intelectual” de Vaihinger, três anos após ele ter fundado o *Kant-Studien*. Leitor exigente, ele faz questão de dissociar a “fonte bastante viva” do pensamento de Nietzsche da filosofia produzida na Alemanha entre os anos de 1878 e 1898, que em sua perspectiva ou investia numa psicologia experimental (ocupando-se com detalhes insignificantes de modo a esquecer grandes concepções como as de Horwickz), ou promovia um tratamento “formal-lógico e parcial” das questões relacionadas à teoria do conhecimento (ignorando com isso pensadores como Lange). Nietzsche, além disso, é arrolado por Vaihinger dentre os motivos que pesaram sobre a sua decisão de publicar a PhAO quase quarenta anos depois, já que somente neste segundo momento, em 1911, ela poderia ser efetivamente compreendida⁵.

Para além da confessa afinidade com as concepções de vida e mundo de Nietzsche, em parte devedora da influência comum de Schopenhauer e F. Lange⁶, Vaihinger acredita ter alçado ao primeiro plano um dos “tons” de seu “polifônico” pensamento, a saber, “a teoria das

⁵ Os motivos são divididos em quatro: i) a difusão do voluntarismo nas décadas de 1880 e 1890 por Friedrich Paulsen (1846-1908) e Wilhelm Wundt (1832-1920); ii) a fundamentação da teoria biológica do conhecimento com *Análise das Sensações* (1886) de Ernst Mach (1838-1916) e *Crítica da experiência pura* (1888) de Richard Avenarius (1843-1896); iii) a filosofia de Nietzsche; iv) o debate sobre o pragmatismo que através de W. James (1842-1910) e Scott Schiller (1864-1937) lutava contra um racionalismo e intelectualismo unilaterais.

⁶ Mesmo enfermo, Lange chega a enviar uma carta para Vaihinger demonstrando sua anuência à filosofia do como se: “Ainda que uma grave enfermidade inviabilize quase toda correspondência, eu gostaria de lhe declarar com poucas palavras a minha total anuência com as ideias levantadas pelo Sr. Estou convicto de que o aspecto aqui destacado será um dia a pedra de toque da teoria filosófica do conhecimento”. (Lange *apud* Vaihinger, 2011, p. 89).

representações conscientemente falsas” (*die Lehre vom bewußtgewollten Schein*)⁷, afirmação que exige de nós uma breve retomada de suas ideias.

2 A filosofia do “como se”

“Como é possível alcançarmos os objetivos corretos, embora operemos com representações falsas?”, questiona Vaihinger (2011, p. 87), encaminhando o seu leitor ao cerne da teoria ficcionalista. Responde ele:

Nas mais diversas ciências, levantamos muitas dessas suposições conscientemente falsas [Vaihinger refere-se ao conceito de átomo na ciência e de infinitamente pequeno na matemáticas; RBDV], justificando-as por sua utilidade. Algo semelhante ocorre na vida prática: a pressuposição da liberdade da nossa vontade representa a base necessária de nossas instituições sociais e jurídicas; não obstante, nossa consciência lógica nos diz ser a pressuposição da liberdade da vontade algo sem sentido do ponto de vista lógico. Entretanto, não é por isso que abrimos mão daquela representação; pois ela é útil e mesmo imprescindível. E na religião escolhemos o mesmo procedimento: mantemos modos de representação logicamente insustentáveis, incondicionalmente falsos, embora desmascaremos sua falsidade. Preservamos tais modos, não porque nos seriam “caros”, mas porque reconhecemos sua utilidade e indispensabilidade em vista da ação bem-sucedida. No campo teórico, prático e religioso, descobrimos o que é correto na base e com auxílio do que é falso. (Vaihinger, 2011, p. 88)

De acordo com a filosofia do como se, levantamos e preservamos suposições conscientemente falsas, nos campos teórico, prático e religioso, tendo em vista a ação bem-sucedida, a *práxis*. Atendendo à finalidade prática estrita do intelecto, os princípios, categorias e conceitos com os quais as ciências e a filosofia operam são ficções aceitas em vista de sua utilidade, de promoverem os objetivos corretos, o que coloca Vaihinger a par e passo com o pragmatismo, muito embora, segundo Ceynowa (1993), sua posição deva ser diferenciada do pragmatismo existente na época⁸.

⁷ Johannes Kretschmer traduz “*die Lehre vom bewußtgewollten Schein*” como “teoria das representações conscientemente falsas” e como “teoria da aparência conscientemente intencionada”. Parece-me, todavia, que “doutrina da ilusão conscientemente desejada” seja uma tradução mais aproximada e fiel ao sentido que o ficcionalismo Vaihinger quer estabelecer.

⁸ Cf. Ceynowa (1993, p. 19): “Betrachtet man Vaihingers Philosophie vor dem Hintergrund der historischen Entwicklung des Pragmatismus, so läßt sich zunächst zeigen, daß sie nicht aus der Rezeption und Weiterführung bereits vorliegender pragmatistischer Positionen entstanden ist”.

Pleno de necessidades como a do conhecimento, da liberdade, da vida política, da religião etc., o homem cria noções fictícias nos mais diversos segmentos, sendo a criação dessas ficções a sua característica distintiva:

E assim descobrimos um laço em comum que liga os diferenciais da matemática, os átomos das ciências exatas, as ideias da filosofia e mesmo os dogmas religiosos – a compreensão da necessidade de empregarmos ficções conscientes como base indispensável de nossas pesquisas científicas, de nosso deleite estético e de nosso agir na prática. (Vaihinger, 2011, p. 99)

Uma vez que respondem a uma incontornável necessidade prática, as ficções não devem ser desqualificadas como o oposto da verdade, e sim como constructos a serem utilizados de modo consciente – “*como se*” (als ob) – remetessem à realidade. De acordo com Johannes Kretschmer, tradutor da PhAO para o português brasileiro, o objetivo de Vaihinger com isso é conferir à ficção a mesma dignidade de outras operações mentais. Para o ficcionalismo, portanto, as ficções não são obstáculos à razão, aparências a serem demovidas na busca pela essência verdadeira, como se apregoou durante grande parte da história da metafísica; elas são produtivos artifícios que auxiliam a razão no cumprimento de suas finalidades.

3 Teoria da aparência conscientemente intencionada: um itinerário

Embora inédita no modo como Vaihinger a propõe sistematizar, a filosofia do como se não foi a primeira a tratar do emprego de ficções em teorias, e isso o próprio autor atesta ao apontar antecedentes em Kant, Lange, Forberg e também Nietzsche. Esse último, em particular, teria sido responsável por elaborar os primeiros “esboços para uma metafísica do como se” (Vaihinger, 2011, p. 665), motivo pelo qual sua filosofia é arrolada na seção das comprovações históricas de PhAO⁹.

Interessante notar que Berthelot (1911, p. 03), por sua vez, considera a filosofia de Nietzsche uma das primeiras formulações do pragmatismo, embora o filósofo de Röcken ignorasse essa designação. “Nietzsche n’a pas connu le mot de pragmatisme, mais il a le premier aperçu distinctement une grande partie des idées qu’aujourd’hui on designe d’habitude par ce teme”.

⁹ A seção sobre Nietzsche na *Philosophie des Als Ob*, intitulada *Nietzsche e sua teoria da aparência conscientemente intencionada* (item D), é diretamente posterior à seção sobre Lange (item C), por sua

Para referendar essa conjectura, Vaihinger (2011) passa a sinalizar a existência de uma “teoria da aparência conscientemente intencionada” por trás de toda a polifônica obra de Nietzsche. Segundo ele, essa teoria ganha forma pela primeira vez na distinção entre o caráter aparente da cultura (apolínea) e o fluxo inexorável do devir (dionisíaco) em GT/NT¹⁰, possui um ponto de incursão em WL/VM e avança ao período maduro com o perspectivismo de JGB/BM, chegando até os últimos textos como EH.

“Vida e ciência não são possíveis sem representações imaginadas ou falsificadas – também Friedrich Nietzsche o reconhecerá”, afirma Vaihinger (2011, p. 631) situando-se na trilha do filósofo d’O *Nascimento da Tragédia*, e, à esteira dele, de Schopenhauer, Richard Wagner (em sua teoria do delírio), e, sobretudo, de Lange, com quem de acordo com ele ambos aprenderam:

[...] a grande importância da ‘aparência’ em todos os campos da ciência e da vida, bem como a da função ampla e muito bem-fundamentada do ‘inventar’ (*Dichten*) e do ‘falsificar’ (*Fälschen*), da ‘criação’ fingidora e falsificadora (*fälschendes, dichtendes Schaffen*) e, com isso, o valor e o direito do ‘mito’ não só na religião. (Vaihinger, 2011, p. 632)

Vaihinger é um dos primeiros intérpretes a destacar a influência de Lange sobre Nietzsche, que segundo ele pode ser sentida desde a contraposição entre arte e ciência em GT/NT, onde a arte representa o mundo cambiante do devir e da satisfação estética e a ciência o mundo do “ser”, no qual tudo parece “arredondado”, fixo. O intérprete, aliás, lamenta o fato da origem kantiana ou neo-kantiana do pensamento de Nietzsche ter permanecido ignorada até o momento, possivelmente em virtude dos ataques de Nietzsche a Kant. Não obstante, antes mesmo de Nietzsche e

vez intitulada *O ponto de vista do ideal*, de Friedrich Albert Lange, ambas da terceira parte da obra destinada a expor as *Confirmações históricas* da filosofia do como se, e que inclui ainda nos itens A e B os pensamentos de I. Kant e F. Karl Forberg (1770-1848).

¹⁰ As referências feitas às obras de Nietzsche seguem a convenção bibliográfica dos *Nietzsche-Studien* estabelecida no âmbito da pesquisa nacional e internacional. GT/NT – *Die Geburt der Tragödie/ O nascimento da tragédia*; WL/VM – *Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn/ Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral*; MA/HH – *Menschliches, Allzumenschliches/ Humano, demasiado Humano*; MO/A – *Morgenröthe/ Aurora*; FW/GC – *Die Fröhliche Wissenschaft/ A gaia ciência*; JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse/ Para além de bem e mal*; GM – *Zur Genealogie der Moral/ Genealogia da moral*; GD/CI – *Götzen-Dämmerung/ O crepúsculo dos ídolos*; EH – *Ecce homo*; AC – *Der Antichrist/ O anticristo*. As citações das obras publicadas de Nietzsche são feitas a partir das traduções de Paulo César de Souza, editadas pela Companhia das Letras.

Lange, Vaihinger identifica Kant como aquele que intuiu a natureza da aparência, mesmo em suas raízes mais profundas, e a aceitou conscientemente em vistas de sua utilidade e necessidade¹¹.

Para comprovar que uma teoria da aparência conscientemente intencionada subsiste ao longo dos três períodos da filosofia de Nietzsche, Vaihinger envereda numa análise ampla de suas obras partindo de GT/NT, onde, segundo ele:

A arte é a criação consciente da aparência estética; entendida neste sentido, a arte se baseia no “anseio primordial pela aparência”; [...] E, neste sentido, o mito é analisado e elogiado, especialmente como ficção mítica. [...] E até mesmo a ciência não pode proceder sem o mito. Podemos resumir o resultado das obras de juventude assim: para a arte, como para a vida, a aparência e a ilusão representam o pressuposto mais necessário. Já aqui vem à luz a ideia de que esta ilusão, para o homem superior, é e deve ser uma ilusão consciente. (Vaihinger, 2011, pp. 634-635)

Montando um verdadeiro quebra-cabeças com citações de GT/NT, Vaihinger tenta demonstrar como já ali, sob a nome de metafísica de artista, está presente a teoria da aparência conscientemente intencionada. “Criação consciente da aparência estética” a arte (ou pelo menos a sua face “apolínea”) é, na perspectiva do ficcionalismo de Vaihinger, uma ilusão necessária à vida. Neste sentido, o conflito tematizado em GT/NT entre a visão trágica e a visão teórica, entre antigos e modernos, Sócrates e Wagner, diz respeito ao modo como a cultura ocidental em diferentes momentos compreendeu e se apropriou da ilusão, ora aceitando-a ora recusando-a. O homem superior, parafraseia Vaihinger, apropria-se de modo consciente e reconhece a necessidade da ilusão, da arte, diferente do homem inferior (WL/VM) que apenas herda e inconscientemente emprega as ilusões, e do homem teórico, otimista (GT/NT) que tenta rechaçar a ilusão em prol de um ideal de verdade.

¹¹ Cf. Vaihinger (2011, p. 99): “[...] a *filosofia do como se* pode ser considerada kantiana. Mas a *filosofia do como se* não partiu do próprio Kant e prefere o nome de um “positivismo idealista” que melhor descreve a sua origem: ela é positivismo, à medida que se funda exclusivamente, como todo rigor e com toda sinceridade, no que é dado, nas sensações empíricas; ela simplesmente não questiona tudo (por isso não é ceticismo); consciente e determinadamente, ela nega diretamente tudo aquilo que é considerado “real” devido a supostas necessidades intelectuais ou éticas”.

Mais do que em GT/NT, porém, os esboços juvenis da teoria da aparência de Nietzsche culminam para Vaihinger no “memorável fragmento” de 1873, WL/VM:

Todos os primeiros esboços culminam em um fragmento memorável, concebido em 1873: *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralische Sinne*. “Mentir no sentido extramoral” é o que Nietzsche chama, com sua conhecida preferência por expressões exageradas, o desvio *consciente* da realidade, tal como ocorre no mito, na arte, na metáfora etc. Insistir propositalmente na aparência, a despeito de se reconhecer sua constituição como aparência, é um tipo de “mentira no sentido extramoral”, pois “mentir” significa simplesmente o estímulo *consciente e intencional* da aparência. (Vaihinger, 2011, p. 634)

Inédito por opção de Nietzsche, WL/VM, redigido em “pleno kantismo” (Foucault, 2002)¹² e servindo-se inclusive de algumas categorias kantianas gera forte impressão em Vaihinger, que passa a considerar sua “teoria da aparência conscientemente intencionada” como apenas uma alternativa à “expressão exagerada” de Nietzsche “mentira no sentido extramoral”. Para além (*Jenseits*) da moral, num registro “extra” (*über*) moral do discurso sobre a verdade, seu oposto, a mentira, significa apenas um desvio consciente da realidade operado pelo intelecto dissimulador, um estímulo consciente e intencional da aparência¹³. Por conseguinte, conclui Vaihinger em sua análise do período de juventude, equalizando o seu pensamento ao de Nietzsche ao seu, “[...] não só a nossa linguagem mas igualmente o pensamento conceitual se funda em operações de cunho mentiroso, isto é, operações que ‘não correspondem à realidade’” (Vaihinger, 2011, p. 638).

Passando ao período intermediário, onde segundo ele Nietzsche aprofunda alguns aspectos intuídos em sua juventude, Vaihinger (2011, p. 639) observa uma peculiaridade nos textos que o encoraja a adensar sua

¹² “[...] não devemos nos esquecer que em 1873 estamos, senão em pleno kantismo, pelo menos, em pleno neo-kantismo” (Foucault, 2002, p. 14).

¹³ Segundo me parece, neste ponto Vaihinger quer aproximar concepções distintas. Se na perspectiva de seu ficcionalismo o desvio operado pelo intelecto é “consciente”, no sentido de ser intencional em vista de uma finalidade prática, o desvio operado pelo intelecto dissimulador pensado por Nietzsche em WL/VM é algo inevitável, inerente à própria natureza gregária da consciência. Afinal de contas, como Nietzsche dirá em tom irônico alguns anos mais depois em MA/HH 9, não podemos simplesmente cortar a cabeça humana com a qual compreendemos o mundo.

hipótese. Nota ele que “o termo extravagante da ‘mentira’ só pouco aparece” nos textos intermediários, e isso porque “a ideia de que temos de nos servir conscientemente da ‘inverdade’ em nosso pensamento” passa a atormentar Nietzsche. Ocorre que, pensada em suas últimas consequências, a necessidade de admitir a mentira (como sugere GT/NT e WL/VM) acabaria por legitimar toda a sorte de empreendimentos metafísicos, inclusive a religião, sob a justificativa de se tratar de uma “ilusão necessária”.

De acordo com Vaihinger, essa situação passa a “dividir” o pensamento de Nietzsche no período intermediário, pois diante de sua atual postura de positivismo-cético até mesmo a morte¹⁴ seria preferível à permanência consciente na inverdade. Entretanto, prossegue Vaihinger, “cada vez fica mais clara a compreensão de que as representações, as quais sabemos conscientemente serem não verdadeiras, são necessidades, do ponto de vista da biologia e da teoria do conhecimento” (Vaihinger, 2011, p. 640), e Nietzsche parece reconhecer isso ao recorrer à expressão de Voltaire em MA/HH II, 4 “*Croyez-moi, mon ami, l’erreur aussi a son mérite*” (Acredite, meu amigo, também o erro tem seu mérito), numa demonstração de amadurecimento quanto à necessidade dos “erros” e “certos artigos de fé” para a vida.

Vaihinger passa a citar uma série de apontamentos póstumos e trechos esporádicos das obras intermediárias, para comprovar a sua hipótese, textos que vão desde ponderações sobre a necessidade de “amar e cultivar o erro”, passando por discussões mais complexas sobre a origem e o funcionamento da linguagem e do intelecto e sobre a natureza fictícia de muitos conceitos como os matemáticos, até chegar a questões da vida prática, como a liberdade e a responsabilidade. Ao fim disso, Vaihinger retoma a palavra para inserir entre os exemplos também o conceito de sujeito e a distinção entre fenômeno e coisa em si, sendo o primeiro “autofabricado” e a segunda uma “separação artificial”, e encerra sua investigação do período intermediário com a citação do aforismo 54 de FW/GC, que trata justamente da consciência da aparência.

Enveredando, por fim, no terceiro período, Vaihinger (2011, p. 651) afirma de início que nele as obras publicadas (com exceção dos capítulos iniciais de JGB/BM) “contém menos observações interessantes para nosso

¹⁴ Vaihinger tem em mente MA/HH, 34.

tema que os escritos póstumos”¹⁵. Se no período da juventude Nietzsche havia intuído a teoria da aparência conscientemente intencionada e a aprofundado no período intermediário, agora, nos textos da maturidade, ele enfim é capaz de manifestá-la através da tematização do problema capital do *valor da verdade*.

4 O desuso do termo “mentira”

Demonstrando mais uma vez sua perspicácia hermenêutica, Vaihinger menciona alguns trechos estratégicos, e chama a atenção para outro importante detalhe léxico:

Encontramos este termo agora com mais frequência: a perspectiva é um engano necessário que se mantém, mesmo depois de termos reconhecido a sua falsidade; e neste sentido, Nietzsche chamara, já no volume V, 294, a sua filosofia de perspectivismo. (Vaihinger, 2011, p. 652)

Essa observação é complementada ainda por uma nota de rodapé:

Em XII, 43 aparece: “nosso poder poético-lógico de determinar as perspectivas de todas as coisas” e, bem a modo de Kant, fala-se da “abundância dos erros óticos” que daí resultam inevitavelmente e devem ser mantidos conscientemente. Tal modo perspectivístico de criação e ação, que pode ser encontrado em todos os seres orgânicos, de acordo com Nietzsche, seria por natureza um acontecer, um acontecer interno ao lado do externo (XII, 63) (Vaihinger, 2011, p. 652).

Na primeira citação, Vaihinger comenta o quanto o termo *perspectiva* passa a aparecer nos textos da maturidade (tendo em mente

¹⁵ Esta afirmação parece-me bastante sugestiva do ponto de vista metodológico, sobretudo considerando que o comentário de Vaihinger é de 1911. De modo consciente ou não, Vaihinger acaba por assumir o apontamento póstumo como “texto”, mas qual teria sido exatamente o critério dele para afirmar que os textos mais “interessantes” da maturidade de Nietzsche para o ficcionalismo seriam os póstumos e os capítulos iniciais de JGB/BM? Será que Vaihinger percebe alguma espécie de tendência ou movimento no pensamento de Nietzsche que levaria sua “teoria da aparência conscientemente intencionada” a vir à tona nos primeiros capítulos de JGB/BM (e depois a “regressar” aos apontamentos póstumos)? Será que o concomitante desenvolvimento da noção de vontade de poder neste período (que será exposta em JGB/BM 36) está relacionado a essa afirmação? A análise de Vaihinger dos textos da maturidade infelizmente não nos dá condição de responder a essas perguntas, que tento tangenciar em minha tese de doutoramento. Cf. DALLA VECCHIA, Ricardo Bazilio. *O(s) perspectivismo(s) de Nietzsche*. 2014. 333 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Unicamp. Universidade Federal de Campinas, Campinas.

que a maioria das citações às quais ele se refere são dos capítulos iniciais de JGB/BM). Ele, contudo, não explica o motivo dessa variação, e apenas deixa insinuada uma relação entre o desuso do termo “mentira” no período intermediário (em virtude do “divisão” de Nietzsche) e a adesão ao termo “perspectiva” na maturidade.

Ao reconhecer finalmente o valor incontestável da mentira, mas que assim nomeada daria a sugerir uma relação antagônica com a verdade, o Nietzsche maduro teria buscado uma alternativa léxica com um sentido mais próximo ao novo modo como a mentira passava a ser pensada, isto é, como ficção necessária. “Perspectiva” teria sido essa alternativa, o novo nome da mentira, ou melhor, o nome da nova mentira, uma mentira que não é sinônimo de falsidade e oposta à verdade, mas que é sinônimo de aparência necessária, ficção¹⁶. A partir daí a teoria da aparência conscientemente intencionada, antes somente intuída e em fase de amadurecimento, estaria efetivamente incorporada à filosofia de Nietzsche. A nota de rodapé parece confirmar essa desconfiança, já que faz o perspectivismo soar como teoria da aparência conscientemente intencionada ao enfatizar que sua ideia fundamental seria a do poder poético-lógico dos seres orgânicos de determinar as perspectivas (aqui praticamente sinônimo de “ficções”) das coisas.

Tal como havia feito em relação ao período intermediário, Vaihinger passa a apresentar uma ampla seleção de textos de Nietzsche (sobre p. ex.: a necessidade das ficções, a vontade de engano, o caráter fictício das ciências, do eu e da dicotomia entre causa e efeito), entrelaçados apenas por pequenos comentários como o que explica que as perspectivas são criadas pelo intelecto basicamente num processo de simplificação dos acontecimentos. É digno de nota que, mesmo utilizando um método de análise que investiga transformações conceituais na obra de Nietzsche, em PhAO Vaihinger se restringe apenas a identificá-las, e não envereda numa investigação mais profunda sobre as suas causas (algo que seria possível p. ex. através de um estudo de fontes). Com isso, sua interpretação não consegue responder a perguntas que miram p. ex. os motivos de certas variações terminológicas, como o fato de alguns termos

¹⁶ Nesta direção argumenta Gebhard (1982, p. 15): “Nietzsche Fassung der Perspektivität manifestiert einen der Brennpunkte seines Denkes in dem Sinne, als in diesem Gedankem eine massgebliche Weichenstellung für das Gesamtfeld seiner Reflexionen und deren entschieden innovatorischer Intention sichtbar wird“.

aparecerem mais ou menos em determinadas obras. Como não é o seu interesse, Vaihinger apenas passa a apresentar uma série de trechos estratégicos (p. ex. o aforismo 34 e o prefácio de JGB/BM) que de algum modo corroborem com sua interpretação, e então conclui com Nietzsche, e a favor de seu ficcionalismo, que a distinção valorativa entre verdade e mentira não passa de um “preconceito moral”.

Próximo à conclusão, Vaihinger (2011) aponta para um problema que identifica na leitura de GD/CI e AC, a saber, do “dano causado por essas ficções reguladoras quando não usadas como tais; ou seja, quando lhes reportamos erroneamente o caráter de realidade, como ocorre geralmente” (Vaihinger, 2011, p. 660). Invertendo um conhecido enunciado de Nietzsche em GD/CI, Vaihinger quer refletir sobre como um mundo de fábula se tornou finalmente o mundo verdadeiro, ou por que imputou-se à ficção uma falsa realidade, por que se converteu o “como se” em verdade.

Vaihinger designa esta espécie peculiar de ficção como “*ficções in malo sensu*”, e o sujeito é o exemplo que ele utiliza para ilustrá-la. Ao tomar “a mente como agente do pensamento”, ao fingir um “*primum mobile*”, ao assumir a “separação artificial e explicação geral do ego como algo em si e para si”, explica o intérprete, o ser humano compreende mal o caráter ficcional do eu e passa a acreditar, por exemplo, na “suposição de uma causalidade intelectual [...] e na suposição de ‘atos livres’, depois divididos em atos morais e outros imorais” (Vaihinger, 2011, p. 661). Coerente com sua interpretação ficcionalista de teor pragmático, porém, Vaihinger (2011, p. 664) conclui que “esses conceitos são ficções inadequadas, porém úteis”, e pressupõe que também Nietzsche resolva pela utilidade e necessidade de todas as ficções, mesmo daquelas metafísicas que tanto condenou.

Para justificar o arriscado alcance de seu argumento, Vaihinger recupera a conhecida afirmação de Nietzsche sobre a sua filosofia ser um “platonismo invertido”, e explica que ao questionar o estatuto das representações no último período de sua filosofia ele estaria ao seu modo reformulando o velho problema do Deus enganador de Descartes. Diferente de Descartes, todavia, cujo método de “*omnibus dubitare*” objetivava não se deixar enganar, Nietzsche assume a necessidade e as consequências do erro, do engano, da ilusão, posto que em sua filosofia,

avalia Vaihinger, a vontade de aparência é mais profunda que a vontade de verdade, logo:

De tal ponto de vista a aparência não deve ser mais lamentada e combatida, como o estão fazendo os filósofos até hoje, mas a aparência, à medida que prova ser útil e valiosa, e ainda impecável esteticamente, deve ser afirmada desejada e justificada. O perspectivismo é necessário para nós. (Vaihinger, 2011, p. 667)

Útil, valiosa e impecável esteticamente, conclui Vaihinger, a aparência é algo desejável e justificável para nós, seres que apenas podem distinguir meras nuances, perspectivas, e nunca a verdade, o real, o objetivo. O perspectivismo é necessário para nós, dada a nossa incontornável condição da vida na aparência. Já Nietzsche reconhecera isso, considera Vaihinger, ao refletir sobre o papel da aparência nos acontecimentos do mundo desde sua juventude, formulando os “esboços para uma metafísica do como se” (Vaihinger, 2011, p. 665), que PhAO leva às últimas consequências.

5 Crítica e conclusão

A interpretação da filosofia de Nietzsche avançada por Vaihinger, particularmente ao situá-lo como lastro da concepção ficcionalista/pragmática (que se adensa ao longo de todo o século XX), deitou raízes na *Nietzsche-Forschung* e repercute até hoje, por exemplo, entre os seus intérpretes do mundo anglo-saxão.

Isso, porém, não abranda a necessidade de uma crítica. Para além da persistente tentativa de vincular Nietzsche ao ficcionalismo, é o próprio método de análise dos textos de Nietzsche empregado por Vaihinger que nos parece comprometer mais diretamente algumas de suas hipóteses. Pode-se dizer, com alguma margem de erro, que a interpretação de Vaihinger se articula por meio de uma análise das transformações conceituais¹⁷ de noções como aparência, arte, erro, mentira e perspectiva na obra de Nietzsche.

¹⁷ Tomo este termo emprestado de PASCHOAL, A. E. Transformação conceitual. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*. 2º semestre 2009, Vol.2, nº 2, pp. 17-30.

Salvo o seu lugar na história da recepção de Nietzsche, a análise de Vaihinger releva a diferença entre textos publicados e apontamentos, por vezes atribuindo (como no caso de WL/VM) um peso desmedido a argumentos, ideias e enunciados que o próprio filósofo optou por manter inéditos. Vaihinger também desconsidera as especificidades programáticas das obras de Nietzsche, equalizando-as dentro de períodos sem levar em conta as grandes variações que existem entre elas¹⁸. Isso se pode verificar, particularmente, em sua análise do período intermediário onde Vaihinger alinha indistintamente citações de MA/HH, MO/A e FW/GC para caracterizar a postura “cético-positivista” de Nietzsche.

Embora atento a certas variações léxicas, Vaihinger é míope quanto às diferenças semânticas existentes entre os termos em que apoia a sua reflexão, como ficção, mentira, aparência e ilusão. Diferente do que acontece com alguns leitores e comentadores de Nietzsche, cuja falta de cuidado para com as nuances os fazem acreditar-se diante de enunciados (ou termos) contraditórios, o principal problema que compromete a interpretação de Vaihinger, segundo nos parece, reside no fato dele desconsiderar certas nuances em prol da coerência e do alcance de suas premissas. Imbuído de sua hipótese ficcionalista, Vaihinger aproxima termos e sentidos distintos vindo a desaguar em conclusões que os textos de Nietzsche (em especial os publicados), e a coerência de seu pensamento não subscrevem¹⁹. A principal dessas conclusões diz respeito à validade irrestrita das ficções na filosofia de Nietzsche, sobre a qual gostaríamos de nos demorar mais um pouco, dada a sua centralidade na interpretação de Vaihinger.

Ao equalizar termos e significados diversos em seu conceito de “ficção”, Vaihinger conclui que, na medida em que inevitáveis do ponto de

¹⁸ Sobre essas variações, cf. Brusotti (1997).

¹⁹ Paradigmática, neste sentido, é a sua observação acerca do desuso do “termo extravagante da mentira” no período intermediário, que abaliza toda a sua argumentação. Vaihinger justifica o desuso do termo mentira (*Lüge*) no período intermediário em razão da “tormenta” que assolaria Nietzsche, então dividido entre o reconhecimento do valor das ficções (advindo do período de juventude) e o seu novo compromisso positivista-cético. Uma leitura atenta das primeiras seções de MA/HH bastaria para fazer compreender que o desuso do termo mentira é mais uma consequência sintomática da indiferença (*Gleichgültigkeit*) do método histórico-psicológico frente às questões da metafísica, do que o resultado de uma situação de tormenta ou divisão. Diferente do que sugere Vaihinger, todavia, a admissão do caráter errôneo das nossas representações em MA/HH implica não a adesão, mas a vigília quanto aos limites de atuação do intelecto, que deve se restringir às “pequenas verdades” da ciência e não a extrapolá-las.

vista teórico e necessárias do ponto de vista prático, toda e qualquer ficção é válida e justificável, mesmo aquelas que Nietzsche tanto criticou, como as relacionadas à religião: “Nietzsche, após ter revelado tão implacavelmente o lado nocivo das representações religiosas, teria necessariamente ressaltado também os seus aspectos positivos, reconhecendo-as como ficções úteis, até mesmo como necessárias” (Vaihinger, 2011, p. 667). Com essa afirmação, porém, como observa Wotling (2013, p. 48) alertando sobre os intérpretes que em vão pretendem trazer uma solução para o pensamento de Nietzsche, também Vaihinger acaba “[...] importando para os textos [de Nietzsche] uma teoria que lhes é alheia”. O fato de Nietzsche ressaltar os “aspectos positivos”, mesmo de ficções como as religiosas, não significa que ele as esteja promovendo ou legitimando, afinal de contas, como ele mesmo salienta, Nietzsche as “condenou”.

Para evitar importar teorias alheias à filosofia de Nietzsche, cumpre lê-lo com o rigor que ele mesmo desejou: “um leitor como eu o mereço, que me leia como velhos e bons filólogos liam seu Horácio” (EH/EH, Por que escrevo livros tão bons, § 5). Neste caso, a perícia filológica deve-se concentrar na diferença entre aparência e ilusão subsumida por Vaihinger no conceito de “ficção”. Em livro recentemente publicado, Constâncio (2013) investe justamente nessa dissociação para desfazer a suposta contradição existente entre a postura “ficcionalista” de Nietzsche (para utilizar o termo de Vaihinger), e a sua crítica às ilusões, pois: “Embora Nietzsche pareça, por vezes, dizer que nada há a fazer contra aqueles erros básicos – contra as ‘verdades do ser humano’, os ‘erros irrefutáveis do ser humano’ – a sua filosofia é, em parte, uma luta contra eles” (Constâncio, 2013, p. 264).

Se vivemos num mundo de erros (ou “ficções”), no sentido de que não nos é facultada a verdade, será possível lutar contra esses erros? Não estaríamos, com isso, apenas avaliando um erro (ou ficção) a partir de outros erros? Ou, para utilizar a conhecida imagem platônica, como poderíamos enxergar a “caverna” se estamos encarcerados dentro dela?

E isto leva-nos, agora, ao esclarecimento das relações e das diferenças entre os conceitos de aparência, ilusão, mentira e erro. O erro e a aparência são a própria consistência do nosso mundo, a própria matéria de que é feita a sua inconsistência e flutuância. [...] Nietzsche usa o termo ‘mundo aparente’ em dois sentidos diferentes: o mundo aparente como

ilusório e o mundo aparente como fenomênico. Este último é o mundo do erro e da aparência, o único em que vivemos e podemos viver. O mundo ilusório, por seu lado, é apenas uma dada interpretação do mundo fenomênico – precisamente a sua interpretação como *mera* ilusão, como sombra e imagem de um ‘mundo verdadeiro’ para lá dele. (Constâncio, 2013, p. 264)

Como se pode perceber, a resposta de Constâncio (2013) mantém o pressuposto ficcionalista de que apenas temos acesso a um mundo aparente, respeitando a premissa maior de Vaihinger. Não obstante, porém, ele diferencia algo que fica subsumido no conceito de ficção, isto é, um mundo aparente-*fenomênico* de um mundo aparente-*ilusório*, apontando para a necessidade de se dissociar aparência e ilusão ou para utilizar uma expressão de Nietzsche, entre “diversos graus de falso” (KSA 9, 568). Prossegue o intérprete português:

[...] aparência e ilusão não são a mesma coisa. A aparência (*Schein*) é a realidade em que vivemos, a flutuante realidade do erro; a ilusão (*Illusion*) é outra coisa: é o resultado da *reificação dos nossos erros*. Há aparência quando há erro – e isso há sempre, desde que estejamos vivos e sejamos capazes de esquematizar, ajuizar e raciocinar; mas só há ilusão quando reificamos os conteúdos dos nossos esquemas, conceitos juízos e raciocínios, quando pensamos e acreditamos que os nossos erros, as nossas interpretações e avaliações põem perante nós a realidade ela mesma”. (Constâncio, 2013, p. 265).

Uma coisa é afirmar que criamos e vivemos num mundo de erro e aparência (mundo aparente-*fenomênico*), e quanto a esse ponto não há discordância, outra, porém, é “reificar” esses erros alçando-os à própria realidade (mundo aparente-*ilusório*), seja por julgar que a realidade sensível como a interpretamos já é a própria realidade, ou mesmo por conceber que para além das aparências existe uma realidade. A ambição de querer conferir à ficção a mesma dignidade de outras operações mentais, como resume a definição inicial de Kretschmer sobre Vaihinger, não valida – pelo menos não no contexto da filosofia de Nietzsche – a tese de que todas as ficções sejam justificáveis.

Acreditar nas ilusões, levá-las à sério, “reificá-las” é o grande abuso que a filosofia de Nietzsche quer evitar. Mas, cabe questionar, se não nos é dado alcançar a “verdade”, qual poderia ser o objetivo da crítica da ilusão? Substituir uma ilusão por outra?

Uma das preocupações fundamentais de Nietzsche no *Crepúsculo dos Ídolos* é justamente identificar os nossos erros básicos, aqueles cuja reificação conduz à reificação da coisa em si, do mundo verdadeiro, e, com isso à concepção do mundo do erro e da aparência como mundo meramente ilusório. [...] A sua filosofia tem como tarefa a promoção da ‘grande libertação’ e da descoberta da ‘inocência do devir’, o que implica não só a crítica de todos esses erros, mas também uma reavaliação e destituição do seu valor (*Umwertung*). Ora, esta reavaliação e destituição dos valores implicados nos nossos erros mais básicos, mais fundamentais, mais antigos, mais persistentes pretende conduzir não à substituição da reificação desses erros pela reificação de novos erros, i. é., não à substituição de umas *ilusões* por outras *ilusões*, mas antes à *aceitação e afirmação da aparência e do erro enquanto tais* – à capacidade para ‘permanecer corajosamente à superfície’, para ‘adorar a aparência, acreditar em formas, sons, palavras, em todo o Olimpo da aparência (GC Prefácio 4)’, no fundo para ‘viver perigosamente’ (GC 283), viver sem o erro e a ilusão do mundo verdadeiro e da coisa em si, mergulhar no ‘reino do conhecimento perigoso’ (BM 23). (Constâncio, 2013, p. 266)

O projeto de destituição ou reavaliação dos valores (*Umwertung aller Werth*) encampado por Nietzsche não tem como objetivo a simples substituição de ilusões. Também não tem, e nem poderia, visar ao fim das aparências. O que Nietzsche almeja é dismantelar as ilusões em prol do reconhecimento da aparência como aparência. É a ilusão da verdade, e não “a verdade”, o que impede o reconhecimento da aparência como aparência. Para utilizar uma conhecida analogia de Nietzsche em FW/GC 108, da sombra do Buda que restou no fundo da caverna, não se trata de combater o Buda, uma vez que morto, mas de apagar a sua sombra para que ela não enseje novas preces. A prece da verdade, a “metafísica”, é a grande ilusão que Nietzsche quer descortinar.

Na medida em que subsumi a dissociação entre aparência e ilusão e ignora o critério do aumento e da diminuição de forças da vontade de poder, fiando-se estritamente no princípio da utilidade para avaliar as ficções, Vaihinger enxerga na filosofia de Nietzsche um protótipo do ficcionalismo, mas que se encerra numa espécie de contradição autorreferente. Curioso notar que mesmo um leitor experiente como Vaihinger, obcecado em seu ficcionalismo, não teve “dedos” (EH, Caso Wagner, 4) para ler com a devida lentidão e cautela as nuances de Nietzsche, esquecendo-se por exemplo das linhas finais do aforismo 354

de FW/GC, onde se lê: “e mesmo aqui o que se chama “utilidade” é, afinal, apenas uma crença, uma imaginação e, talvez, precisamente a fatídica estupidez da qual um dia pereceremos”.

Bibliografia

- BERTHELOT, René. *Un Romantisme utilitaire: Étude sur le mouvement pragmatiste*. (Vol. 1. Le pragmatisme chez Nietzsche et chez Poincaré). Paris: Feliz Alcan, 1911,
- BRUSOTTI, M. *Die Leidenschaft der Erkenntnis*. Philosophie und ästhetische Lebensgestaltung bei Nietzsche von Morgenröthe bis Also sprach Zarathustra. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1998.
- CEYNOWA, K. *Zwischen Pragmatismus und Fiktionalismus*. Hans Vaihinger “Philosophie des Als Ob”. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1993.
- CONSTÂNCIO, João. *Arte e Nilismo: Nietzsche e o enigma do mundo*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- DALLA VECCHIA, Ricardo Bazilio. *O(s) perspectivismo(s) de Nietzsche*. 2014. 333 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Universidade Federal de Campinas, Campinas.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2002.
- GEBHARD, Walter. *Perspektivität und Tiefe*. Frankfurt Am Main; Bern: Lang, 1982.
- KAULBACH, F. *Philosophie des Perspektivismus*: 1. Teil: Wahrheit und Perspektive bei Kant, Hegel und Nietzsche. Tübingen: Mohr, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. O. Giacóia Jr. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA). 15 vols. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: de Gruyter, 1999.
- PASCHOAL, A. E. Transformação conceitual. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*. 2º semestre 2009, Vol.2, nº 2, pp. 17-30.
- STACK, G. J. *Lange and Nietzsche*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1983.
- STEGMAIER, W. *Friedrich Nietzsche zur Einführung*. Hamburg: Junius, 2011.
- _____. *Nietzsches Befreiung der Philosophie*. Walter de Gruyter: Berlin/Boston, 2012.
- VAIHINGER, A. *A filosofia do como se*. Trad. Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

_____. *Die Philosophie des Als Ob*. Reuther & Reichard: Berlin, 1911.

Endereço postal

Departamento de filosofia, Universidade Federal de Goiás
Av Esperança, SN, Campus Samambaia - Conj. Itatiaia, Goiânia - GO -
Brasil

Data de recebimento: 25/01/2018

Data de aceite: 11/03/2018